

Do conceito de pós-modernidade ao de modernidade líquida na obra de Zygmunt Bauman

From the concept of postmodernity to liquid modernity in the work of Zygmunt Bauman

Aldi Roldão Cabral

Resumo

Modernidade e pós-modernidade são períodos históricos fixados de acordo com algumas características estabelecidas por aqueles que as nomeiam. Assim, tanto o lapso temporal quanto as características de cada período podem variar conforme o autor que os nomeiam. Lyotard apresenta a pós-modernidade como período iniciado no final do século XIX. Bauman utiliza o conceito de pós-modernidade em algumas de suas obras e em outras adota o conceito de modernidade líquida. Assim surgiu a indagação: o que motivou Bauman a adotar o conceito de modernidade líquida, abandonando o de pós-modernidade? O presente ensaio tem como objetivo esclarecer a relação entre pós-modernidade e modernidade líquida na obra de Zygmunt Bauman. Para isso apresentam-se os conceitos e características da modernidade e da pós-modernidade e discute-se a relação entre estes conceitos e o de modernidade líquida, proposto por Bauman.

Palavras-chave: modernidade; pós-modernidade; modernidade líquida; Bauman.

Abstract

Modernity and postmodernity are historical periods fixed according to some characteristics established by those who name them. Thus, both the temporal lapse and the characteristics of each period may vary according to the author who names them. Lyotard presents postmodernity as a period that began at the end of the 19th century. Bauman uses the concept of post-modernity in some of his works and in others he adopts the concept of liquid modernity. Thus, the question arose: what motivated Bauman to adopt the concept of liquid modernity, abandoning post-modernity? This essay aims to clarify the relationship between postmodernity and liquid modernity in the work of Zygmunt Bauman. For this, the concepts and characteristics of modernity and post-modernity are presented and the relationship between these concepts and liquid modernity, proposed by Bauman, is discussed.

Keywords: modernity; postmodernity; liquid modernity; Bauman.

Introdução

Os períodos históricos são estabelecidos de forma arbitrária, atendendo a critérios não exatamente objetivos, mas conforme características ou mudanças delas

a partir de certos marcos temporais. Assim, modernidade e pós-modernidade são dois períodos não tão claramente definidos temporalmente, mas que apresentam características diferentes, embora não excludentes.

O sociólogo Zygmunt Bauman, em várias de suas obras, a exemplo de *O mal estar da pós-modernidade* (BAUMAN, 1998), utiliza o conceito mais amplamente citado de pós-modernidade. No entanto, posteriormente, passa a adotar o conceito de Modernidade Líquida, que, inclusive, é o título de uma das suas obras mais importantes (BAUMAN, 2021). O ensaio tem como objetivo esclarecer a relação entre os dois conceitos e, se possível, compreender as razões que motivaram o autor à mudança de conceito adotada em suas obras mais recentes. Serão apresentados os períodos e as características da modernidade e da pós-modernidade, esclarecido o conceito de modernidade líquida e discutida a razão para que Bauman adotasse o conceito de modernidade líquida em detrimento da pós-modernidade.

Da modernidade à pós-modernidade

O período da modernidade, costumeiramente, é compreendido entre a tomada de Constantinopla pelos Otomanos (1453) e a Revolução Francesa (1789). No entanto, os marcos utilizados para a periodicização da história podem assumir contornos não muito estáveis. Para Le Goff (2011), como as mudanças políticas e econômicas ocorridas na Europa e que caracterizam a modernidade não se deram de modo linear e simultâneo, poder-se-ia assumir que esse período durou até o século XIX (LE GOFF, 2011).

Durante a modernidade ocorre o movimento iluminista, que procurou gerar mudanças culturais, políticas, sociais e econômicas na sociedade da época. O movimento iluminista se baseava na razão e na ciência como meio para o desenvolvimento humano, acreditando na existência de uma verdade absoluta que poderia ser por elas alcançada. Esta verdade absoluta conduziria os homens ao bem-estar, à felicidade e à paz.

Neste período ocorre o surgimento de alguns e o fortalecimento de outros Estados nacionais. No período anterior, a Idade Média, a sociedade feudal se organizava pela vassalagem e suserania. Na modernidade se estabelecem os Estados nacionais, com o poder centralizado nos reis, e a forma de governo é a monarquia absolutista. Para justificar o poder absoluto do monarca é desenvolvida uma ideologia e teologia que lhe dêem suporte e aceitação social. O controle da burocracia governamental, do exército e da justiça, tudo passa ao controle do Rei.

Na economia moderna, substitui-se o modo de produção feudal pelo mercantilismo, que é o embrião para o modo de produção capitalista. Assim, estabelece-se a necessidade de acumulação de riquezas, especialmente a geração de superávit comercial.

Para a formação das monarquias nacionais e início da Idade Moderna, têm grande importância os burgueses, pois para a geração de superávit os reis precisam

estimular o comércio, o que era a atividade típica dos burgueses e que lhes permitia, também, aumentar seu acúmulo de capital. Esse acúmulo de capital burguês é que vai propiciar, anos mais tarde, a Revolução Industrial.

Note-se que as mudanças políticas que ocorrem durante a modernidade alteram significativamente a organização social, ao extinguir a vassalagem e concentrar a burocracia governamental. Ao mesmo tempo, a criação de um exército nacional desobriga os proprietários da terra desta incumbência de proteção territorial.

As mudanças ideológicas e religiosas vão ser consideráveis, especialmente naquelas nações onde mais fortemente ocorreu a Reforma Protestante (WEBER, 2004). Weber aponta que, ainda que a intenção dos fundadores do protestantismo nada tivesse a ver com a possibilidade de criação do modo de produção capitalista, suas ideias a respeito de trabalho e poupança serviram de fundamento ao capitalismo.

No campo social, porém, algumas importantes instituições foram conservadas, tais como o patriarcado, a família, a religião. A modernidade foi marcada pela regulação, pela repressão (manifesta pela aceitação do autoritarismo e da violência para a consecução de objetivos e para a manutenção da estabilidade), pela busca da manutenção da ordem. A rigidez se manifestava nas relações humanas e sociais, na ciência e no pensamento. Há um predomínio do pensamento linear, cartesiano, como forma de planejar a vida em sociedade e a construção de estruturas sociais utópicas.

A modernidade trás, em si, a necessidade de trabalhar em prol de um plano coletivo, em busca de um sonho utópico. Ou seja, tem como característica uma sobreposição do coletivo ao individual, da segurança sobre a liberdade individual. Busca-se a emancipação do sujeito racional ou trabalhador, o desenvolvimento da riqueza (Lyotard, 2009).

Pouco a pouco a ideia de comércio e consumo vão se instalando na sociedade, iniciando-se um aumento da valorização do ter sobre o ser. A educação, e especialmente a escola, começam a se tornar expressão e campo de formação da desigualdade social.

O projeto da modernidade tem seu apogeu durante a Belle Époque, que durou aproximadamente de 1871 a 1914. Nesse período parecia ser possível realizar o ideal iluminista, em virtude do desenvolvimento científico e tecnológico que tornava a vida mais fácil, apesar das lutas dos trabalhadores da indústria por dignidade e direitos trabalhistas.

Porém, ao mesmo tempo em que a modernidade parece realizar os ideais iluministas, especialmente quanto à razão e à verdade, ela possui uma forte necessidade de ordem. Bauman afirma que:

Dessa ordem que era orgulho da modernidade e a pedra angular de todas as suas outras realizações (quer se apresentando sob a mesma rubrica de ordem, quer se escondendo sob os codinomes de beleza e limpeza) Freud falou em termos de “compulsão”, “regulação”,

“supressão” ou “renúncia forçada”. Esses mal-estares que eram a marca registrada da modernidade resultaram do “excesso de ordem” e sua inseparável companheira – a escassez de Liberdade. A segurança ante a tripla ameaça escondida no frágil corpo, o indômio mundo e os agressivos vizinhos chamados para o sacrifício da Liberdade: primeiramente, e antes de tudo, a liberdade do indivíduo para a procura do prazer. Dentro da estrutura de uma civilização concentrada na segurança, mais liberdade significa menos mal-estar. Dentro da estrutura de uma civilização que escolheu limitar a liberdade em nome da segurança, mais ordem significa mais mal-estar. (1998, p. 9)

Com a deflagração das duas grandes guerras mundiais iniciam-se questionamentos quanto a, de fato, serem a ciência e a razão as garantidoras do desenvolvimento e da paz. Muito da tecnologia produzida inicialmente para o desenvolvimento econômico e social foi barbaramente usada para a guerra, para a destruição completa de cidades e de povos. Isso provoca sentimentos de insatisfação e de decepção na sociedade, já que o modelo iluminista havia falhado.

Com o final da Segunda Guerra Mundial inicia-se a Guerra Fria, quando o comunismo implantado na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas adota um modo de produção que se contrapõe ao modo de produção capitalista vigente no ocidente. Essa contraposição de modos de produção contrabalanceia a voracidade capitalista de acumulação de capital. Este contrabalanceamento vai se dar em virtude dos países ocidentais manterem liberdades democráticas, enquanto nos países alinhados à União Soviética há uma tendência autoritário.

Com o controle da gana de acumulação capitalista e o exercício da democracia é possível no ocidente, especialmente na Europa, a constituição do chamado Welfare (Estado de bem-estar social) (SANTOS, 2021).

Os questionamentos advindos das duas grandes guerras, as alterações nos modos de produção, a intensificação da industrialização e da urbanização e o aumento do comércio vão acelerar o processo de globalização, inicialmente comercial e, com o avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação, também cultural.

Não havendo um marco definitivo da transição entre modernidade e pós-modernidade, Lyotard (2009, p. 15) trata da pós-modernidade como tendo se iniciado já no final do século XIX e leciona que “a palavra é usada, no continente americano por sociólogos e críticos. Designa o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX”.

Lyotard (2009) afirma que a modernidade é marcada pelas “metanarrativas” totalizantes, com as quais os iluministas tentaram apresentar explicações abrangentes da experiência histórica. São exemplos de metanarrativas: razão, verdade, progresso, coletivo. Assim, para o autor, a pós-modernidade se constitui numa como que

descrença nessas metanarrativas. Nos tempos modernos, os metarrelatos teriam sido responsáveis por grandes heróis, grandes atores, grandes périplos e por grandes objetivos sociopolíticos e econômicos.

A descrença nas metanarrativas não conduz à destruição ou substituição delas, mas na construção de narrativas menores (como blocos) que podem se somar, contrapor ou substituir a elas, no mesmo período de tempo. Esses blocos narrativos podem ser facilmente constituídos em sociedades desenvolvidas e cibernéticas.

Como característica marcante da pós-modernidade, se discute a natureza do vínculo social. Com o “redesdobramento” do capitalismo, a evolução técnica e tecnológica, há uma mudança no papel dos Estados, fruto do desejo social e, ao mesmo tempo, do desencantamento com as metanarrativas. Santos (2021) relata o deslocamento da legitimidade do legislativo para o executivo e do executivo para o judiciário, ocorrida como forma de aprofundamento do capitalismo global. Lyotard (2009) aponta que as funções de reprodução e de regulação, outrora exercida pelos Estados, cada vez mais, são confiadas a autômatos. Isso se dá a partir de uma supervalorização tecnocrata.

Diz Lyotard (2009), “Desta decomposição dos grandes Relatos, que analisaremos mais adiante, segue-se o que alguns analisam como a dissolução do vínculo social e a passagem das coletividades sociais ao estado de uma massa composta de átomos individuais lançados num absurdo browniano”. Essa imagem da massa de átomos individuais, ou de placas de sociabilidade, usadas por Lyotard parecem remeter à imagem posteriormente usada por Bauman ao se referir à Modernidade Líquida.

Desta forma, a pós-modernidade assume um discurso antitotalitário, heterogêneo, democraticamente fragmentado, buscando compreender o humano, ao mesmo tempo, na sua autenticidade e precariedade. Bauman (1998) afirma que, na sociedade pós-moderna, é a hora da desregulamentação, do princípio do prazer, da liberdade que se impõe frente à compulsão e à renúncia forçada.

Pode-se, ainda, afirmar como características da pós-modernidade: A flexibilidade das regras e valores; o individualismo; a pluralidade e a diversidade; a presença de incertezas; o vazio existencial; a combinação de tendências, gostos e estilos; a geração e disponibilização de grandes blocos de informação; a liberdade de expressão, pensamento e manifestação; a produção em série de cultura para consumo rápido; o consumismo; e a aceleração do pensamento com a negação do ócio.

No início do século XX, o desenvolvimento tecnológico propiciou o surgimento das mídias de massa, fortemente utilizadas pelos governos autocráticos com intuito de gerar coesão nacionalista. Com o avanço científico/tecnológico, especialmente com a propagação dos computadores pessoais e da internet, surgem as redes sociais digitais. Tais redes, associadas ao egoísmo/egocentrismo, ao consumismo e à não aceitação dos metarrelatos, vão constituir ambiente fértil para a disseminação de

notícias falsas, de discursos de ódio e de ilhas nas quais os iguais falam para si sem a necessidade de se exporem aos diferentes.

Assim, numa sociedade diversa, heterogênea e complexa, construiu-se um ambiente propício para o isolamento e debate homogeneizante, eliminando a discussão propriamente política e favorecendo a construção de novos “mitos”, entre os quais a retomada de valores, especialmente morais e religiosos, de tempos e sociedades diversas da pós-moderna (fanatismo associado a ideias medievais).

A desregulação e exacerbação das liberdades individuais em detrimento da segurança e proteção social, especialmente no campo do trabalho, produziu novas categorias de trabalhadores, que não são assalariados, não são donos do capital e que, ao mesmo tempo, não preenchem todas as características para serem denominados escravos. Sob o título de “empreendedores” são trabalhadores com jornadas diárias de mais de 14 horas de trabalho, com remuneração muito baixa pelo trabalho prestado e que são acionados e controlados por meio de aplicativos digitais.

As mudanças geradas no mundo do trabalho pelo aprofundamento do capitalismo global têm exigido que homens e mulheres tenham necessidade ainda maior de ocupação de trabalho/carreira que lhe exigem tempo de dedicação muito alto, associado a tempos de deslocamento para o trabalho também elevado, e possibilidade de acionamentos diuturnos, especialmente quando se adota a modalidade de trabalho em casa (*home office*).

Essas mudanças no mundo do trabalho forçaram a uma reorganização dos esquemas de família, já que pais e mães precisam dedicar grande tempo de suas vidas ao trabalho e reduzir, assim, o tempo de assistência direta à sua prole.

Atividades rotineiras como alimentação, higiene e acompanhamento das atividades das crianças passaram a ser transferidas para terceiros, sejam eles familiares, cuidadores ou creches. A escola, que tinha basicamente a missão precípua de formação cognitiva e transmissão de conhecimentos, passa a ser agora, também, lugar de formação humana integral.

Bauman (2021) indica que, na pós-modernidade, há uma inversão relacionada à percepção de evolução como sendo a passagem das sociedades nômades para as sociedades agrárias (que permanecem até a modernidade). Agora, os assentados (sedentários) passam a ser dominados pelos nômades, que formam a elite global extraterritorial. Se antes a política e a guerra ocorriam para a conquista de novos territórios, hoje a política e a guerra são instrumentos para a manutenção de “estradas” comerciais abertas, pelas quais trafeguem os fluxos de capital e consumo. Para o trabalhador, o antigo sonho de adquirir a casa própria passa a ser substituído pela ideia de acumular capital suficiente para que possa alugar um imóvel e mudar-se a qualquer momento, sem estabelecer raízes sociais.

De igual forma, o estabelecimento de compromissos mutuamente vinculantes (como o de emprego legalmente regulado) passa a ser considerado prejudicial, pois pode impedir o aproveitamento de oportunidades que surgem a qualquer momento,

em outros lugares. O progresso está associado ao que é: mais leve, menor e mais portátil, ou seja, ao minimalismo, que facilita o desprendimento e a mobilidade.

Configura-se, então, a ideia de que as pessoas vivam em situação de camping, onde cheguem, instalem seu *trailer*, usufruam da água, da segurança e da estrutura sanitária, paguem por isso e, a qualquer momento, vão embora, sem qualquer vínculo com o local ou com as outras pessoas que lá estão. A relação social e territorial se firma como relação de consumo, não de convívio.

Parece haver uma mudança de modelo, uma mudança de era, que ocorre como se modernidade e pós-modernidade fossem um *continuum* temporal, onde a racionalidade proposta pela modernidade fosse paulatinamente substituída por uma outra forma de relacionamento, de ser no mundo, caracterizada pela volatilidade, pelo consumismo, pela incerteza e pelo individualismo/egoísmo.

Bauman (2011) aponta a fragmentação da vida humana ocorrida durante o século XX. Exemplifica que, na sua infância e juventude, ficavam impressionados quando Jean Paul Sartre dizia que era necessário elaborar um projeto de vida e perseguí-lo. Hoje, falar aos jovens de projeto de vida os fará rir, posto que o amanhã é demasiado incerto para que lhe caiba qualquer tipo de planejamento.

Da pós-modernidade à modernidade líquida

Em seu trabalho, inquietou a Bauman o fato de encontrar tantas exceções e anormalidades naquilo que se denominava modernidade que, seguindo a proposição de Thomas Kuhn a respeito das “revoluções científicas”, pareceu-lhe que o paradigma da modernidade estivesse superado e fosse hora de encontrar um novo paradigma (BAUMAN, 2010).

Inicialmente, o pesquisador passa a adotar a pós-modernidade, que já era um conceito utilizado nas décadas anteriores por outros autores, como sendo este novo paradigma. Porém, o paradigma da pós-modernidade apresentava como aspecto inconveniente o fato de ser “negativo”, ou seja, este novo paradigma se firma na negação das características apresentadas no paradigma anterior, da modernidade.

Para Bauman (2010):

A modernidade era uma concepção de movimento e mudança que acabaria por fazer das movimentações e transformações algo redundante, obrigando-as a operar fora de suas próprias atividades – uma concepção de movimento e mudança, mas com uma linha de chegada. O horizonte que a modernidade mirava era a visão de uma sociedade estável, solidamente enraizada, da qual qualquer desvio mais acentuado apenas pode ser uma mudança para pior.

Assim, a pós-modernidade se firmaria na afirmação de características existentes na modernidade e que já não mais estariam em vigor. No entanto, ao retirar a vigência das condições próprias do paradigma anterior, o paradigma da pós-modernidade não indica quais as novas condições encontradas, ou que características ou condições configuram o pós-moderno.

Diante de tal constatação, Bauman (2010) se vê frente àquilo que Kuhn propõe como a “revolução científica”, o momento de romper com o paradigma anterior e fundar um novo paradigma. Não é possível sustentar o paradigma da modernidade, e a pós-modernidade como sendo o aprofundamento do paradigma moderno não é suficiente para compreender e explicar a contemporaneidade (entendida como a sociedade no tempo atual).

Bauman aponta que, na modernidade, ao buscar tornar líquido o que é sólido (valores, instituições, organização social) o homem moderno o faz com a intenção de depurá-lo, de poder tornar o sólido ainda mais sólido, ou seja, de aperfeiçoá-lo, de aumentar sua resistência e duração. No entanto, na pós-modernidade não se apresenta essa necessidade de retornar a algo ainda mais sólido, ou seja, a liquidez se torna uma característica permanente.

Se, de um lado, o paradigma moderno está firmado nos ideais iluministas da racionalidade, da ciência como critério da verdade e do bem coletivo; e o paradigma pós-moderno revela a insuficiência da razão e da ciência como formas de alcançar a utopia de um estado de bem coletivo, mais que continuidade ou aprofundamento da modernidade, de modo linear e contínuo, Bauman busca, então, superar este paradigma descrevendo um novo paradigma, que afirma a condição contemporânea não como a superação ou destruição da modernidade, mas como a coexistência de características divergentes, conflitantes e complexas.

Ao contrário da nova solidez que se esperaria na modernidade, Bauman constata que o novo paradigma para as ideias, assim como para as instituições, para os fundamentos, para as rotinas e para os padrões que produzimos são e continuarão ser substancialmente líquidas (BAUMAN, 2010). Ou seja, que elas não podem manter e não manterão suas formas por muito tempo. “Em outras palavras, entramos em um modo de viver enraizado no pressuposto de que a contingência, a incerteza e a imprevisibilidade estão aqui para ficar” (BAUMAN, 2010).

Em entrevista concedida a Léo Peruzzo Júnior (2016) Bauman afirma que a modernidade líquida é, usando um conceito de Antônio Gramsci, um interregno, posto que sabe-se o que se abandonou da modernidade, porém, ainda não se sabe o que serão os novos tempos. No interregno o que aprendemos, a forma como se lidava com as pessoas ou com a realidade não funcionam mais, porém, ainda estão engatinhando as novas formas que, efetivamente, as venham a substituir.

As características apontadas por Bauman coincidem com aquela do chamado mundo VUCA. VUCA é acrônimo, em inglês, que significa *Volatility* (Volatilidade), *Uncertainty* (Incerteza), *Complexity* (Complexidade) e *Ambiguity* (Ambiguidade). Tal

expressão das condições da modernidade líquida teria sido talhada pelo U.S. Army War College para descrever as condições do mundo multilateral no pós-guerra fria (a partir dos anos 1990) (ALVES; SILVA, 2021).

Bretas *et al* (2020), também, apontam que a modernidade líquida teria se transformado em VUCA, especialmente devido à indústria 4.0 e a exigência de novas competências no mundo do trabalho e da educação.

A volatilidade, a incerteza, a complexidade e a ambiguidade vividas a partir da década de 1990, que coincide com avanço do neoliberalismo e com o constitucionalismo de mercado (aquele conjunto de regras econômicas impostas por organismos multilaterais e que, muitas vezes, se sobrepõe às constituições nacionais) produziram e estão produzindo mudanças comportamentais e sociais importantes.

Propondo um passo adiante na compreensão da contemporaneidade, Cascio (2021) propõe um outro acrônimo: BANI - (*Brittle, Anxious, Nonlinear and Incomprehensible* – Frágil, Ansioso, Não-linear e Incompreensível, em tradução livre).

A combinação de VUCA com BANI parece ser uma boa interpretação daquilo que Bauman (2001) nomeia como modernidade líquida, uma realidade em que nada possui forma definida, estável, mas que se modifica, altera, é multiforme e incontinente.

Considerações finais

Para concluir a distinção entre pós-modernidade e modernidade líquida, nada melhor que a justificativa apresentada pelo próprio Bauman, em entrevista concedida a Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, na qual explica:

Uma das razões pelas quais passei a falar em "modernidade líquida" em vez de "pós-modernidade" (meus trabalhos mais recentes evitam esse termo) é que fiquei cansado de tentar esclarecer uma confusão semântica que não distingue sociologia pós-moderna de sociologia da pós-modernidade, entre "pós-modernismo" e "pós-modernidade". No meu vocabulário, "pós-modernidade" significa uma sociedade (ou, se se prefere, um tipo de condição humana), enquanto que "pós-modernismo" se refere a uma visão de mundo que pode surgir, mas não necessariamente, da condição pós-moderna.

Procurei sempre enfatizar que, do mesmo modo que ser um ornitólogo não significa ser um pássaro, ser um sociólogo da pós-modernidade não significa ser um pós-modernista, o que definitivamente não sou. Ser um pós-modernista significa ter uma ideologia, uma percepção do mundo, uma determinada hierarquia de valores que, entre outras coisas, descarta a ideia de um tipo de regulamentação normativa da comunidade humana e assume que todos os tipos de vida humana se equivalem, que todas as sociedades são igualmente boas ou más; enfim, uma ideologia que se recusa a fazer julgamentos e a debater seriamente questões relativas a modos

de vida viciosos e virtuosos, pois, no limite, acredita que não há nada a ser debatido. Isso é pós-modernismo.

Mas sempre estive interessado na sociologia da pós-modernidade, meu tema tem sempre sido compreender esse tipo curioso e em muitos sentidos misterioso de sociedade que vem surgindo ao nosso redor; e a vejo como uma condição que ainda se mantém eminentemente moderna nas suas ambições e no seu "modus operandi" (ou seja, no seu esforço de modernização compulsiva, obsessiva), mas que se acha desprovida das antigas ilusões de que o fim da jornada estava logo adiante. É nesse sentido que pós-modernidade é, para mim, modernidade sem ilusões. Diferentemente da sociedade moderna anterior, a que eu chamo de modernidade sólida, que também estava sempre a desmontar a realidade herdada, a de agora não o faz com uma perspectiva de longa duração, com a intenção de torná-la melhor e novamente sólida. Tudo está agora sempre a ser permanentemente desmontado, mas sem perspectiva de nenhuma permanência.

Tudo é temporário. É por isso que sugeri a metáfora da "liquidez" para caracterizar o estado da sociedade moderna, que, como os líquidos, se caracteriza por uma incapacidade de manter a forma. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades "auto-evidentes". É verdade que a vida moderna foi desde o início "desenraizadora" e "derretia os sólidos e profanava os sagrados", como os jovens Marx e Engels notaram. Mas, enquanto no passado isso se fazia para ser novamente "reenraizado", agora as coisas todas -empregos, relacionamentos, know-hows etc.- tendem a permanecer em fluxo, voláteis, desreguladas, flexíveis. (BAUMAN, 2003).

Bauman esclarece ser um estudioso da pós-modernidade sem ser um pós-modernista. Apresenta as características e condições que apreende da realidade e prefere chamar a este período histórico de modernidade líquida a ser, equivocadamente, associado a admirador dos rumos pelos quais segue a sociedade contemporânea.

O interregno em que se encontra a sociedade exige atenção, reflexão e crítica de modo a permitir a superação daquilo que o neoliberalismo tem imposto como modelo de sociedade. Sociedade baseada no consumo, na ausência de relações sólidas, onde as pessoas se encontram subjugadas à ganância de ambição de poucos detentores do poder do mercado. É mister reconstruir e reempoderar o espaço político como acolhedor e realizador do bem comum.

Se, por um lado, ainda não é possível prever por quanto tempo durará a condição VUCA/BANI do mundo, por outro lado já é possível perceber o quanto esta condição tem afetado as pessoas, especialmente as mais jovens. As condições de

subemprego, de falta de perspectiva de futuro, de desilusão com a educação, de descrença na previdência social, indicam condições muito próximas àquelas que Durkheim nominou de anomia.

Superar este estado anômico em um mundo globalizado, neoliberal e onde o capitalismo é hegemônico é um desafio imenso e sem precedentes na história, exigindo um esforço que deve ultrapassar a tecnologia e exige a retomada do humanismo e do existencialismo.

Referências

ALVES, Victor Couto; SILVA, Luciana Martins Oliveira da. A gestão do conhecimento pessoal e seu papel no aprendizado contínuo e sucesso na era das acelerações. **Revista Inteligência Empresarial**, 44, outubro 2021. Disponível em: <https://inteligenciaempresarial.emnuvens.com.br/rie/article/view/72/56>. Acesso em: 29 março 2022.

BAUMAN, Z. A sociedade líquida. Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 Outubro 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1910200305.htm>. Acesso em: 15 abril 2022.

BAUMAN, Z. Fronteiras do pensamento. Fernando Schuler e Mário Mazilli. **Zygmunt Bauman - Fronteiras do pensamento**, 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A&ab_channel=FronteirasdoPensamento. Acesso em: 15 Abril 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. [S.l.]: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Legisladores e intérpretes: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais**. [S.l.]: Schwarcz-Companhia das Letras, 2010.

BRETAS, Alex *et al.* **Core skills: nem soft, nem hard. 10 habilidades essenciais para um mundo em transformação**. São Paulo: teya, 2020.

CASCIO, Jamais. A educação em um mundo cada vez mais caótico. *In: SENAC Boletim Técnico do Senac*. [S.l.]: [s.n.], v. 47, 2021. p. 101-105. Disponível em: <https://bts.senac.br/bts/article/view/879>. Acesso em: 29 março 2022.

JÚNIOR, Léo Peruzzo. Sociedade, linguagem e modernidade líquida. **Revista Diálogo Educacional**, 16, n. 47, 2016. 247-258.

LE GOFF, Jacques. **Uma longa Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 12ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Da expansão judicial à decadência de um modelo de justiça. *In*: JUNIOR, José Geraldo de Sousa *et al.* **O Direito Achado na Rua: Introdução crítica ao direito como liberdade**. Brasília: OAB Editora; Editora Universidade de Brasília, v. 10, 2021. p. 728.

WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.